

EMPRÉSTIMOS LEXICAIS NA IMPRENSA POLÍTICA BRASILEIRA*

Ieda Maria ALVES**

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo o estudo dos termos estrangeiros empregados em um corpus político da imprensa brasileira contemporânea. Por meio do noticiário político nacional e internacional de alguns jornais e revistas publicados no Brasil, procuramos analisar os estrangeirismos e os neologismos por empréstimo em fase de integração à língua portuguesa.

UNITERMOS: Empréstimo; neologismo por empréstimo; estrangeirismo.

I. DEFINIÇÃO DE EMPRÉSTIMO

Todos os idiomas vivos se renovam, afirmam com unanimidade os estudiosos. A criação neológica, particularmente a criação lexical, é um fator de renovação e de vitalidade das línguas. Além do neologismo vernáculo, formado com elementos da própria língua, esta também recebe termos de outros idiomas, os empréstimos. Tão importante é a parte recebida por empréstimo que A. Rosetti chega a afirmar que é "fato pacífico que não existe língua inteiramente isenta de mistura com elementos de outras línguas" (32, p.78).

Por ser uma forma nova incorporada à língua, o neologismo por empréstimo é considerado um neologismo formal. Distingue-se do neologismo conceptual ou semântico, que constitui uma acepção nova incorporada ao campo semasiológico de um significante (3, p. 158; 6, p. 66). É também chamado de neologismo *extrínseco*, em oposição ao *intrínseco*, por não ser formado com elementos vernaculares (27, p. 182). Alguns lingüistas consideram também empréstimo o elemento que provém do acervo lexical de um idioma e que passa a ser usado em outro nível lingüístico. Temos assim, no dizer de L. Bloomfield (4, p. 420), o empréstimo *dialetal* – em que os traços emprestados provém da mesma área lingüística – e o empréstimo *cultural* – em que os traços recebidos são oriundos de uma língua diferente. Os empréstimos dialetais e culturais são também designados, respectivamente, *empréstimos internos* e *empréstimos externos* (11, p. 67; 20, p. 115). Neste trabalho, usaremos *empréstimo* de acordo com a definição proposta por U. Weinreich: "Na linguagem, encontramos fenômenos de interferência que, tendo frequentemente ocorrido na fala de bilíngües, tornaram-se habituais e estabelecidos. Seu uso não depende mais de bilingüismo. Quando o falante de uma língua x usa uma forma de origem estrangeira não como um empréstimo ocasional da língua y, mas porque ele a ouviu em outras frases da língua x, esse elemento emprestado pode ser considerado, do ponto de vista descritivo, como parte da língua x" (36, p. 11).

* Este trabalho foi apresentado, de forma resumida, no XIV Congresso Internacional de Lingüistas, realizado em Berlim Oriental, em 1987.

** Departamento de Lingüística – Instituto de Letras, História e Psicologia - UNESP – 19800 – Assis – SP.

1.1. O empréstimo na língua portuguesa

O empréstimo de elementos estrangeiros é um fenômeno que atinge praticamente todas as línguas. Mesmo os gregos, tão orgulhosos de seu idioma e que manifestaram grande desprezo pelos idiomas bárbaros, incorporaram alguns elementos estrangeiros à sua língua.

Na língua portuguesa, a incorporação lexical de unidades estrangeiras tem sido retratada por vários historiadores do idioma. Nossos primeiros gramáticos, Fernão de Oliveira (1536) e Duarte Nunes de Leão (1606), referem-se, em suas obras, ao empréstimo de elementos estrangeiros no português.

Na história da língua portuguesa, podemos distinguir entre empréstimos íntimos e culturais, segundo a classificação estabelecida por Bloomfield (4, p. 198). Os primeiros abrangem os empréstimos de *substrato* (de origem celta, fenícia, basca), de *superestrato* (influência bárbara) e de *adstrato* (origem árabe, africana, tupi) (24, p. 198-200). Os empréstimos culturais não são uma característica do português moderno. Desde o português arcaico, importamos unidades lexicais do provençal (*trova, trovador...*) e do francês (*jogral, linhagem...*). Do contato com o espanhol, recebeu a língua portuguesa numerosos empréstimos (*airoso, prenda, carabina, bo-lero...*). A influência italiana marcou a era renascentista; dela a língua portuguesa recebeu vocábulos relativos à poesia (*soneto, terceto...*), à música (*arpejo, contralto...*), à náutica (*barcaça, fragata...*), à milícia (*acampar, batalhão...*), ao teatro (*arlequim, bufo...*). A partir do século XVIII, os empréstimos culturais franceses passaram a ser bastante importantes, gerando mesmo a reação purista que procurou agir contra os galicismos. Modernamente, torna-se cada vez mais intensa a influência inglesa, em vários domínios, sobretudo tecnológico e científico, mas também nas áreas humanísticas (*id., ibid.*, p. 200-1).

1.2. Tipologia do empréstimo

Neste trabalho, trataremos apenas do empréstimo lexical e, sempre que nos referirmos ao termo empréstimo, estaremos tratando dessa modalidade.

Muitos lingüistas discutiram a respeito dos elementos lexicais importados de uma língua estrangeira. H. Bonnard faz uma distinção preliminar, separando *herança* de *empréstimo*. Assim, o acervo lexical português, como o das demais línguas românicas, é em grande parte de origem latina, e essas unidades não constituem empréstimo, mas herança (5, p. 1579). Em *L'emprunt linguistique*, L. Deroy distingue os *estrangeirismos* ou *peregrinismos* dos *empréstimos*. Os primeiros são sentidos como estrangeiros, como uma espécie de citação. Os empréstimos já são adaptados à língua receptora ou não mais sentidos como externos (8, p. 223-4). Há a tendência, entre lingüistas alemães, de eliminar a distinção *estrangeirismo/empréstimo*. A Kirkness (21, p. 234) escreve que "chega Lutz Mackensen, em 1972, a uma conclusão lapidar, aliás, bem fundamentada em exemplos: 'A distinção entre estrangeirismos e empréstimos é, em grande medida, uma ficção'". Anteriormente, em 1955, H. Gneuss chegara à mesma conclusão: "Por isso é conveniente abandonarmos a distinção entre empréstimo e estrangeirismo. Basta-nos o conceito único de empréstimo..." (*id., ibid.*).

Em 1950 (17, p. 210-31), E. Haugen propõe uma tipologia formal dos empréstimos. Denomina *modelo* o termo ou a expressão de uma língua estrangeira reproduzidos por falantes de uma comunidade lingüística. Esse fato pode ser produzido por *importação* ou por *substituição*. Há importação quando o empréstimo é aceito como parte integrante da língua receptora e considerado uma inovação. Em caso contrário, há substituição, que compreende os decalques e os empréstimos semânticos. Haugen propõe a seguinte terminologia para os empréstimos:

loanwords, importação morfêmica sem substituição; *loanblends*, substituição morfêmica e importação; *loanshifts*, substituição morfêmica sem importação.

Uma outra tipologia, citada por Maurais (26, p. 98-9), foi criada por Vočadlo tendo por base a capacidade das línguas em receber empréstimos. Assim, as línguas podem ser *homogêneas* (como as de origem indo-européia), *amalgamadas* (românicas, grego moderno) e *heterogêneas* (inglês, romeno), cuja estrutura reflete diferentes civilizações.

Preferimos adotar uma tipologia mais simples e, a exemplo de L. Guilbert (15, p. 92-3), distinguir os estrangeirismos dos empréstimos propriamente ditos. Utilizaremos *estrangeirismo* para designar termo ou expressão sentidos como externos à língua portuguesa. O estrangeirismo que está se instalando é um verdadeiro neologismo e somente se tornará *empréstimo* quando não mais for sentido como estranho ao sistema da língua, mesmo que conserve a ortografia da língua de que procede.

Neste trabalho, procuraremos estudar os neologismos por empréstimo empregados em um *corpus* constituído pelo noticiário político nacional e internacional dos jornais paulistas *Folha de S. Paulo* (F) e *O Estado de S. Paulo* (E) e das revistas *Isto É* (IE) e *Veja* (Ve), inventariados durante os meses de janeiro a junho de 1986 (amostragem sistemática de 30%). Como elementos neológicos, consideramos os termos e as expressões não atestados no *Novo dicionário da língua portuguesa*, de A. B. de H. Ferreira (12).

II. OS ELEMENTOS ESTRANGEIROS EMPREGADOS NO VOCABULÁRIO POLÍTICO

II.1. Estrangeirismos

Grande parte dos elementos estrangeiros empregados no *corpus* político que utilizamos constituem estrangeirismos, ou seja, unidades lexicais que têm por finalidade dar ao texto uma cor local, uma característica própria do país ou da região em que tem lugar a ação mencionada. Fazem parte dos estrangeirismos os nomes próprios estrangeiros, de pessoas, cidades, países ou rios. Também são estrangeirismos as unidades lexicais estrangeiras que exprimem realidades sem correspondência na língua do emissor ou propositadamente integradas à mensagem com o intuito de imprimir ao texto a cor local do lugar de que se fala. Tais elementos estrangeiros freqüentemente carregam a marca metalingüística da citação (cf. Guilbert, 15, p. 92).

Os estrangeirismos utilizados no vocabulário político são bastante freqüentes, sobretudo no noticiário internacional. Designam pessoas de países ou regiões mencionadas pelo emissor, tais como *kstryas* e *sikhs*, termos dialetais referentes a comunidades da Índia, e *afrikaans*, termo africâner que nomeia os oriundos da África do Sul: "Os militares continuam sendo *kstryas* (e *sikhs*)" (F, 23.01, p. 27, c. 2); "Há quem diga que, sejam quais forem as sanções adotadas, os nacionalistas *afrikaans* teriam condições de resistir às pressões /.../" (E, 22.06, p. 18, c. 4). Nomeiam sacerdotes, soldados, guerrilheiros, dissidentes. No crioulo haitiano, *hougan* e *mambo* são as denominações de sacerdotes do Haiti: "Vinte dias antes de sua fuga do Haiti, 'Baby Doc' chamou ao palácio presidencial nove sacerdotes (*hougans*) e uma sacerdotisa (*mambo*) vudu /.../" (F, 15.02, p. 19, c.1). No Irã, o termo persa *mulá* também designa um sacerdote: "Existem alguns *mulás* que são contrários ao uso da máquina, por acharem que ela torna a operação indolor /.../" (E, 29.06, p. 28, c. 6).

No Haiti, os *tontons macoutes* (termo crioulo) constituíam a polícia política do país, extinta com o fim da ditadura de Duvalier: "/.../ com o regime de Baby Doc, e principalmente os 'tontons macoutes' (polícia política de Duvalier)" (F, 08.02, p. 15, c. 5). Os carabinieri, na Itália, são designados pelo termo italiano *carabinieri*: "Até onde tinham-se constituído civis apenas a família do General C. A. Della Chiesa e dos oficiais dos *carabinieri* /.../" (E, 13.02, p. 13, c. 2).

Alguns países, em constante crise política e social, tiveram ou têm ainda focos de guerrilha. Seus membros constituem os *contras* (termo espanhol), na Nicarágua, e *mujaheddin* (termo árabe), no Afeganistão: “/.../ os *mujaheddin* afeganes, os guerrilheiros da Unita de J. Savimbi, em Angola, ou ‘*contras*’ (na Nicarágua), lutam pela independência de seus países, /.../” (E, 21.02, p. 3, c.2). Durante a Segunda Guerra Mundial, *partigiani* (termo italiano) e *partisans* (termo francês, oriundo do italiano *partigiano*) lutavam na Itália, Grécia e Iugoslávia, respectivamente, contra as forças nazistas: “Muito do seu prestígio se devia, então, ao papel decisivo desempenhado pelos *partigiani* (guerrilheiros) comunistas na Alemanha nazista” (F, 09.04, p. 22, c. 2); “Foi levantada a suspeita, inclusive, de que Waldheim teria ordenado a execução de combatentes da Resistência grega e iugoslava (*partisans*) /.../” (F, 05.06, p. 8, c. 1). *Refusenik* é o termo russo que denomina os “líderes da comunidade de centenas de judeus que desejam abandonar a URSS mas não recebem visto de saída – os chamados *refuseniks*/.../” (E, 13.02, p. 7, c. 3).

O estrangeirismo pode designar elementos próprios de uma cultura. No Japão, o termo *banzai* denomina a saudação que se costuma fazer em situações solenes: “/.../ acenará aos que lhe forem saudar com os tradicionais gritos de ‘*banzai*’ (longa vida e bandeirolas de papel)” (F, 29.04, p. 24, c. 3). Nos Estados Unidos, o bife de carne conservada em sal é designado pelo termo inglês de *cornbeef*: “Lembro-me de um almoço no Charley’s, em N. York, famoso pelos sanduíches de *cornbeef*, /.../” (F, 26.01, p. 15, c. 1). Nesse mesmo país, a juventude veste *jeans* (termo inglês), calça de brim, utilizada também por jovens de todos os continentes: “Vestindo um *jeans* surrado /.../, o ex-combatente no Vietnã deu poucas e evasivas respostas, /.../” (E, 20.03, p. 6, c. 6). *Sachertorte*, termo alemão, refere-se a uma famosa torta austríaca. É formado por *Sacher*, uma confeitaria austríaca, e por *torte*, termo alemão: “/.../ e depois em linha reta se pode chegar a um café, atrás da Ópera, onde está a melhor *sachertorte* da capital” (F, 09.06, p. 8, c. 2). O termo chinês *dazibao* designa os jornais murais característicos da China: “os jornais nada mencionaram, as ruas tiveram uma movimentação normal, os murais (*dazibaos*) não fizeram referência ao assunto” (F, 13.05, p. 19, c. 4). Na França, sua capital, Paris, está dividida em zonas, denominadas pelo termo francês *arrondissement*: “Uma bomba de potência média explodiu /.../ produzindo enormes danos materiais, que atingiram outros prédios, no 11º *arrondissement*” (E, 25.05, p. 8, c. 3). Nessa parte do velho continente, fabrica-se o pãozinho conhecido pela unidade lexical francesa *croissant*: “Brilhante e descontraído, capaz de, por exemplo, se deixar fotografar por chinelos quando pode sair pela manhã para comprar *croissants*” (Ve, 26.03, p. 55, c. 2). A Máfia, organização clandestina de origem italiana, tem como chefe Liggio, o *capo di tutti i capi* (expressão italiana): “*Capo di tutti i capi* – chefe de todos os chefes –, Liggio esperava tranquilamente o início das audiências fumando um caríssimo charuto cubano, /.../” (IE, 19.02, p. 52, c. 1-2). O juiz supremo, nos Estados Unidos, é denominado pela expressão inglesa *chief justice*: “Aos olhos de Reagan, a maior credencial de Rehnquist para o lugar de *chief justice* é o seu conservadorismo, /.../” (Ve, 25.06, p. 52, c. 3).

O termo estrangeiro denota algumas vezes o idioma falado no país em referência. Assim, no Haiti, “a língua oficial é o francês, mas o povo fala o crioulo” (E, 06.02, p. 3., c. 4). A cor local também se manifesta pelo uso do idioma nativo da pessoa de quem se fala, como no caso da expressão espanhola *señor comandante*: “Trata Fidel Castro por *señor comandante*, /.../” (E, 05.01, p. 2, c. 4). Outra referência a Cuba ocasiona o emprego do termo espanhol *hacienda*, equivalente ao português *fazenda*: “Moscou se dispõe a promover ‘*haciendas*’ pseudo-socialistas como Cuba /.../” (F, 29.06, p. 18, c. 4). A menção ao idioma de pessoas em referência provoca o emprego do termo inglês *brazilianist*, registrado no *Novo dicionário da língua portuguesa*, de A. B. de H. Ferreira (12) como *brasilianista*: “O gal. Golbery do Couto e Silva concorda com o ‘*brazilianist*’ T. Skidmore, /.../” (F, 22.06, p. 4, c. 1-2).

No discurso político, é muito freqüente a citação de uma unidade lexical estrangeira para denominar um fato político. *Presidium*, termo russo, refere-se ao diretório do partido governamental da União Soviética. Atua como a suprema autoridade estatal nos intervalos das sessões do Soviete Supremo: "Lênin havia previsto outra coisa: que o primeiro secretário seria só o executor das resoluções do *presidium*" (E, 09.02, p. 9, c. 4). Nas Filipinas, as mãos levantadas formando um "L" com os dedos simbolizam luta e esse gesto é lexicalizado por meio do termo dialetal *laban*: "/.../ soldados fortemente armados faziam com o polegar e o indicador o 'L' (*laban*, que significa luta no dialeto *tagalog*, o principal do país), /.../" (E, 25.02, p. 18, c. 1). Os sul-africanos adeptos do Partido Nacional estão divididos. De um lado estão os *verligte* e, de outro, os *verkampt* (termos africâners): "/.../ o presidente sul-africano tentou ficar no meio da divisão entre os 'verligte' (iluminados) e os 'verkampt' (conservadores do Partido Nacional)" (F, 16.03, p. 18, c. 1). Os esquerdistas americanos, que se opõem à política conservadora de R. Reagan, constituem a *new left*, expressão inglesa que significa nova esquerda: "Tanto que a esquerda viável nos Estados Unidos da América do Norte é calcada numa totalidade do liberalismo, denominada 'new left' " (F, 17.05, p. 2, c. 3). A expressão inglesa *roll back*, ou seja, a volta, indica o fim da expansão americana, o retorno às fronteiras: "O objetivo de última instância da chamada Doutrina Reagan é o 'roll back', o fim do expansionismo /.../" (F, 22.02, p. 19, c. 1).

Dentre os estrangeirismos empregados no *corpus* político que analisamos, muitos não caracterizam um país ou uma região. Empregados em relação à política, marcam o reflexo de uma cultura, inglesa ou francesa, na maioria dos casos, sobre a brasileira.

O prestígio é, na verdade, um fator muito citado pelos autores que discutem as causas dos empréstimos. Hockett (18, p. 389) exemplifica o uso do espanhol como fator de prestígio da língua doadora, ao mencionar os imigrantes europeus que, na Argentina, introduzem em sua língua expressões espanholas porque o espanhol é a língua oficial do país. O prestígio da civilização italiana na época renascentista é citado como a causa dos empréstimos italianos à língua francesa nesse período (Deroy, 8, p. 172). Esse fator pode também levar à criação, na língua receptora, de elementos de aparência estrangeira. Desse modo o francês, quando não tem à sua disposição termos ingleses da área esportiva, chega a criá-los: *footing*, por exemplo, é um falso anglicismo esportivo (9, p. 11).

A cultura francesa reflete-se em nosso noticiário político por meio de expressões diversas, que possuem equivalentes no português, como os substantivos *défaillance* e *merci* (ausência e obrigado, respectivamente), os sintagmas *fait accompli*, *faute de mieux*, *fin de siècle* e *fourre tout* (fato consumado, por falta de melhor, final de século e que cobre tudo, respectivamente) e o verbo *démarrer* (desenvolver-se: "/.../ capaz de substituir, em caso de 'défaillance' de O. Quércio, a candidatura da Aliança Democrática, /.../" (F, 23.03, p. 2, c. 4); "/.../ limitava sua resposta a um *merci*, dito em voz baixa, com um sorriso" (E, 09.02, p. 9, c. 2); "/.../ a Fund. Centro de Preservação dos Sítios Históricos de Olinda não foi consultada, estando diante de um verdadeiro *fait accompli*" (F, 27.03, p. 2, c. 3); "/.../ setores do PMDB, que 'faute de mieux', foram forçados a apoiar Quércio" (F, 09.06, p. 2, c. 3); "Difere do anarquismo *fin de siècle*, no século passado, que visava a derrubar governos /.../" (E, 02.04, p. 13, c. 1); "Voltar-se-ia, deste modo, ao orçamento monetário *fourre tout* do passado, que por disfarce, se qualifica de 'extra' " (E, 06.06, p. 3, c. 3); "/.../ mas elas serão erigidas naturalmente na medida em que o processo demarre e dê certo" (E, 13.02, p. 2, c. 3).

A cultura francesa transparece também no noticiário político internacional, mesmo que não haja referência explícita à política francesa. A respeito da China, é usada a expressão *à la chinoise* (à maneira chinesa): "/.../ durante o reinado de Deng Xiaoping, seria mais apropriada-

mente denominada de 'socialismo à la chinoise', /.../' (E, 18.06, p. 3, c. 3). Menaetam, poeta russo, faz parte dos poetas chamados *naifs* (ingênuos, primitivos): "De Menaetam, o poeta naif é fulgurante dos anos 30, morto não se sabe onde, num ponto nervoso da Sibéria, /.../' (E, 22.06, p. 9, c. 1). É empregado um termo francês – *secrétaire* (secretário) – para designar o administrador de antigas colônias francesas: "/.../ finíssimo burocrata, e 'secrétaire' do Conselho do Pacífico Sul, a saber, administrador do que resta de colônias do império" (F, 18.02, p. 3, c. 3).

Em relação à política nacional, a influência inglesa transparece por meio dos termos *botton*, botões de campanha, *scotch*, uísque escocês, e *free-shop*, loja em aeroporto com produtos importados isentos de taxas alfandegárias: "Mas quem lesse as faixas, os adesivos, os *bottons* e outros cartazes de campanha política /.../' (E, 10.05, p. 4, c. 4); "/.../ e do melhor uísque (o governador mandou servir água mineral, enquanto o scotch vinha dos camarotes vizinhos), /.../' (E, 13.02, p. 3, c. 4); "O porta-voz classificou de inverídica a informação de que vários membros da comitiva entulharam suas bagagens com compras feitas em *free-shops*" (E, 14.05, p. 2, c. 4). *Beautiful people*, expressão inglesa equivalente a *povo bonito*, denomina os eleitores de tendência esquerdista pertencentes ao Partido dos Trabalhadores: "A candidatura A. Ermirio absorve votos da direita, do centro e do chamado 'beautiful people', que vota em *Suplicy*" (F, 16.04, p. 2, c. 4). A fim de agradar a vários adeptos, muitos governantes utilizam o *spoil system*, ou seja, o sistema causador de estragos: "/.../ para o mais puro clientelismo e para o 'spoil system', dividindo-se áreas de administração entre os chefes políticos" (F, 10.01, p. 2, c. 5). Filmes de *science-fiction*, ou de ficção científica, são comparados a fatos da política nacional: "Sugerem filmes de science-fiction em que 'normalidade é invariavelmente igual a horrores surpreendentes'" (F, 05.05, p. 23, c. 1).

Termos ingleses também são usados em relação a fatos da política internacional. O termo *breakfast*, a primeira refeição do dia servida aos americanos, é mencionado a respeito do mafioso italiano Sindona: "/.../ já recebeu o primeiro relatório, superconfidencial, sobre os resultados do estudo dos restos do último *breakfast* de Sindona" (E, 28.03, p. 7, c. 3). Os estudantes espanhóis, durante suas reivindicações, tentam derrotar o *establishment*, o sistema espanhol: "Os estudantes já não querem nocautear o *establishment*, eles querem um pedaço dele" (E, 22.06, p. 15, c. 1).

O noticiário referente à crescente violência verificada nas ruas de Madri ocasiona o emprego do termo espanhol *drogadicto*, que equivale ao português *viciado*: "Não havia tanta delinquência, tantos *drogadictos* (viciados) /.../' (E, 16.06, p. 9, c. 4).

Em algumas situações, o estrangeirismo é empregado de maneira pejorativa. A língua da qual provém o empréstimo é falada por uma comunidade não bem aceita social ou economicamente e seus elementos léxicos são empregados pejorativamente em outra comunidade linguística. U. Weinreich menciona o caso de falantes de iídiche nos Estados Unidos que, quando empregam anglicismos em sua língua, fazem-no com intenção cômica (36, p. 60).

Uma outra causa do empréstimo decorre de um desejo de delicadeza, de refinamento. O empréstimo torna-se, assim, um eufemismo e evita o vernáculo considerado grosseiro (35, p. 243). Nas línguas escandinavas, exemplifica Deroy (8, p. 177), a prostituta é designada pelo termo baixo-alemão *herge* ou *herje*. O francês *pute* é encontrado nos compostos do islandês antigo, *pútusonn* e *pútubarn*, filhos de prostituta. Outras causas para o empréstimo são citadas por U. Weinreich: a baixa frequência de algumas palavras pode ocasionar sua substituição por elementos estrangeiros; o mesmo ocorre quando existem casos de homonímia; a perda do significado afetivo de algumas unidades lexicais pode igualmente conduzir ao empréstimo (36, p. 58-9).

II.2. Termos técnicos

Muitos estrangeirismos inventariados no discurso político constituem termos de variadas terminologias. Na verdade, o vocabulário político não apresenta apenas elementos característicos da terminologia política. O noticiário político, ao retratar eventos de um país, refere-se sempre às condições sociais e econômicas de sua gente. Assim, podem aparecer termos oriundos das mais variadas terminologias.

Os termos técnicos têm sido considerados como estrangeirismos *necessários*, em oposição aos *supérfluos* (33, p. 222). Também recebem a denominação de *denotativos*, em contraste com os *conotativos* (5, p. 1584; 15, p. 91). Os estrangeirismos provêm quase sempre da língua falada num país de cultura dominante, como foi verificado no nosso *corpus*. N. Carvalho cita alguns exemplos de elementos ingleses inventariados na revista *Veja* e no jornal *Diário de Pernambuco*. Assim, diz a A., além da intervenção tecnológica norte-americana sobre a brasileira, há também uma intervenção de caráter ideológico sobre a língua (7, p. 68-9).

Da terminologia econômica, o *corpus* estudado recebe algumas unidades lexicais estrangeiras, sobretudo de origem inglesa. Para o pagamento da dívida brasileira, nossos governantes procuram conseguir um crédito auxiliar, o crédito *stand by*: “/.../ o ministro brasileiro mencionou a possibilidade de fazer dois *stand-by* com valores crescentes no superávit das contas públicas, /.../” (IE, 29.01, p. 20, c. 3). A variabilidade dos juros bancários no Brasil ocasiona o emprego do termo inglês *float*, equivalente a *flutuação*: “/.../ já que grande parte da receita do pacote provém /.../ do mercado financeiro, ‘float’ bancário, impostos indiretos etc.” (F, 22.03, p. 2, c. 2).

Termos próprios da comunicação de massa aparecem freqüentemente na mensagem política. Informações à imprensa podem ser transmitidas com a revelação da fonte – *on the record* – ou em caráter oficioso – em *off* ou *off the records*: “/.../ ainda que nenhum deles queira falar ‘on the record’ de público” (F, 19.04, p. 22, c. 5); “Embora esse tópico da programação não seja admitido nem mesmo em *off*, o segundo homem na estrutura de defesa norte-americana quer ouvir os militares brasileiros /.../” (E, 21.02, p. 2, c. 4); “Numa fala ‘off-the-records’ (informação dada à imprensa com a condição de não ser revelado quem a prestou), /.../” (F, 10.01, p. 5, c. 1).

Do vocabulário do comércio, o discurso político recebe *commodity* (artigo comercial) e *trading* (negócio, comércio): “/.../ Della Torre transferiu seus quatro milhões de dólares para outra empresa, /.../, para pagamento de transações no mercado futuro de *commodities*” (IE, 19.02, p. 53, c. 1-2); “Uma *trading* deverá cuidar da introdução de novos produtos” (E, 26.06, p. 5, c. 2).

Outras terminologias contribuem esporadicamente para a elaboração do noticiário político. Do esporte vêm os termos *cross* (tipo de golpe usado pelos boxeadores) e *cooper*, um tipo de corrida: “A CGT aplicou um duro *cross* de direita na mandíbula política do pres. Raul Alfonsín, /.../” (E, 25.01, p. 8, c. 2); “Na quarta-feira, um tenente-coronel da reserva foi assassinado a tiros quando praticava o *cooper*” (E, 09.02, p. 10, c. 2).

Da terminologia teatral o vocabulário político recebe *show business*, o negócio teatral: “Todo mundo sabe disso, mas o ‘show business’ político é uma constante dos nossos dias /.../” (F, 12.02, p. 9, c. 6); e, da terminologia diplomática, *agreement**, ou seja, a concordância de um

* O *Novo dicionário da língua portuguesa*, de A. B. de H. Ferreira (12), registra *agrément*, termo francês que possui o mesmo significado do elemento inglês *agreement*.

governo em receber um diplomata estrangeiro: "O Itamaraty concedeu ontem *agreement* para o primeiro embaixador de Angola no Brasil /.../" (E, 14.05, p. 5, c. 4). Do vocabulário da aviação vem o empréstimo da expressão *jump deck* (convés de salto): "/.../ e uma pista com um ângulo elevado – chamada de 'jump deck' (convés de salto) – que permite ao Harrier impulso maior na decolagem e uma economia de combustível da ordem de 30%" (F, 05.02, p. 4, c. 5). A terminologia bélica fornece o termo inglês *raid*, que significa um ataque-surpresa: "O cel. Muamar Kadafi não esperou mais do que 24 horas para responder ao *raid* aéreo efetuado pela França na manhã de domingo, /.../" (E, 18.02, p. 7, c. 1). Igualmente de caráter bélico é o termo *molotov*, de origem russa, que denota um tipo de gás usado contra adversários: "Gardênia acusou os adversários de terem municiado os manifestantes com coquetéis molotov e garrafa de gasolina, /.../" (Ve, 15.01, p. 33, c. 1).

Todos os termos técnicos recenseados no *corpus* estudado são de origem inglesa. *Molotov*, termo russo, constitui a única exceção.

Qualquer que seja a causa do empréstimo, denotativa ou conotativa, concordamos com a afirmação expressa por Rey-Debove (29, p. 92): "Pode-se considerar que o empréstimo em relação à neologia é um enriquecimento da língua. É geralmente o ponto de vista do lingüista".

II.3. A Tradução do estrangeirismo

Algumas vezes, o estrangeirismo é acompanhado de tradução. Este fato assinala a consciência, por parte do emissor, de que o termo estrangeiro é desconhecido pelo receptor da mensagem.

A tradução é geralmente efetuada depois do emprego do termo estrangeiro. O termo ou sintagma português traduz sobretudo empréstimos ingleses: "A Nasa adiou por tempo indeterminado os vôos do programa 'space shuttle' (ônibus espacial) /.../" (F, 12.02, p. 8, c. 6); "Assim, não teria havido o noticiado 'melt-down' (derretimento dos canos centrais de combustível), e sim um 'burn up', um incêndio nestes canos" (F, 02.05, p. 11, c. 2); "Publicações norte-americanas especializadas em questões de defesa /.../, quase só falam ultimamente em 'low intensity conflicts', ou conflitos de baixa intensidade" (F, 23.03, p. 13, c. 1); "A tortura e a morte de presos têm ocorrido também nas 'homelands' ('pátrias'), territórios como Transkei, Venda (África do Sul) /.../" (F, 03.03, p. 3, c. 5); " 'Um briefing' em deep background, ou seja, em que os jornalistas se comprometem a não indicar sequer a origem da informação, /.../" (F, 18.02, p. 20, c. 1); "O fato é que, desde 1983, se sabia do perigo e, no último vôo, a Nasa teve de emitir um 'waiver', isto é, dispensa de cumprir seus próprios regulamentos" (F, 15.02, p. 18, c. 6); "O Ministro A. C. Magalhães saiu na frente e garantiu que ISTO É confundira o grampo com os *jumps* – ligações de fios em paralelo, /.../" (IE, 18.06, p. 25, c. 1); "Os fatos são outros. Castelo Branco (descrito como 'our boy' – nosso cara – pela revista 'Business Week') /.../" (F, 26.06, p. 11, c. 2). A tradução pode referir-se a toda uma frase: "Who's running this show? – é o que se pergunta aqui, equivalente a, em português, 'quem manda nessa porcaria?'" (F, 06.06, p. 19, c. 2).

Elementos de outras línguas, além da inglesa, são também explicados por um termo ou uma paráfrase do português. Expressões francesas (como *jacquerie*), russas (*blat*, *na levo*), africâners (*laager*) e italianas (*omertà*) são traduzidas para o português pelo emissor da notícia: "O próprio Trotsky, mais simpático aos comunistas chineses do que Stálin, se referia a Mao como líder de uma 'jacquerie', ou seja, revolução camponesa, /.../" (F, 30.03, p. 3, c. 1); "/.../ os rusos tivessem no seu cotidiano palavras de uso obrigatório como *na levo* (por baixo do pano) ou *blat* (termo aproximado de nosso 'pistolão')" (Ve, 04.06, p. 6, c. 1); "Em africâner, o idioma dominante na minoria branca da África do Sul, a palavra é *laager*. Ela serve para identificar o cir-

culo de carroças que, no século passado, os primeiros holandeses formavam para resistir aos ataques das nações negras sul-africanas" (IE, 18.06, p. 66, c. 1); "/.../ negocia novas identidades e proteção para sua família e quebra a *omertà*, a lei do silêncio da Máfia" (IE, 19.02, p. 53, c. 2-3).

Mais raramente, o termo estrangeiro explica o termo ou a paráfrase portuguesa, como ocorre com os elementos franceses *cohabitation* e *le domaine réservé*: "A maior parte do debate eleitoral tem tratado da possibilidade de coexistência (ou 'cohabitation', como dizem os franceses) entre Mitterand e um gabinete de direita /.../" (F, 14.03, p. 21, c. 1); "Embora o PS tenha perdido o pleito de domingo, dele saiu como o partido isoladamente mais forte (31,4%) enquanto Mitterand, dispoindo dos poderes presidenciais constitucionais (*le domaine réservé*) /.../" (E, 20.03, p. 3, c. 1). A tradução inglesa do elemento português ocorre também, exprimindo em inglês um fato referente à cultura americana: "A política de Reagan de engajamento construtivo ('constructive engagement') não tem, claro, efeito algum sobre o governo de 'apartheid' de Pretória /.../" (F, 20.05, p. 19, c. 5); "No mundo real as trocas entre objetivos ('trade offs') são inevitáveis" (F, 29.04, p. 2, c. 5); "/.../ mede o déficit pelas necessidades de financiamento do setor público (public sector borrowing requirements)" (E, 06.06, p. 3, c. 1).

J. Rey-Debove, em *Le Métalangage* (30, p. 284-6), denomina *conotação autonímica* os tipos de elementos estrangeiros acompanhados de tradução acima citados*. Os elementos do código estrangeiro e do código vernáculo são empregados simultaneamente, sem a intermediação de verbos metalingüísticos. O estrangeirismo constitui um *signo autônomo*, segundo a A., quando entre os dois códigos existe um verbo metalingüístico intermediário, como *chamar, apelar,...*: "le coq de bruyère à ailerons appelé grouse aux Etats-Unis". No nosso *corpus*, temos o exemplo: "O princípio da liberdade de imprensa deve ser respeitado por todos e origina aquilo que os americanos chamam de 'implied rights' (direitos implícitos)" (F, 03.01, p. 20, c. 6).

Para Rey-Debove, o estrangeirismo está em vias de integrar-se à língua receptora quando não há mais recurso à tradução.

II.4. A Integração do estrangeirismo

Os estrangeirismos podem sofrer diferentes graus de adaptação. Essa diferença é bem expressa pelo alemão, que distingue os *Fremdwörter* (empréstimos não assimilados) dos *Lehnwörter* (empréstimos assimilados) (13, p. 79). Podemos diferenciar também, com J. Rey-Debove, duas fases do empréstimo: a integração e a assimilação. A integração ocorre quando o elemento estrangeiro é empregado com apenas algumas modificações gráficas e fonéticas; na assimilação, o termo estrangeiro adapta-se ao sistema da língua que o recebe, seja gráfica, fonética ou grafo-foneticamente (28, p. 129).

A fase neológica do elemento estrangeiro está situada entre o estrangeirismo e o empréstimo. Nesse estágio, o termo estrangeiro é denominado *peregrinismo* (8, p. 224) e pode adaptar-se ao idioma que o recebe. L. Guilbert, em *La créativité lexicale* (15, p. 96-8), considera três critérios segundo os quais uma unidade lexical estrangeira está em vias de integrar-se a um idioma.

* No trabalho *Metalinguagem e empréstimo na mensagem publicitária*, (1, p. 97-100), estudamos o estrangeirismo acompanhado de tradução na mensagem publicitária.

II.4.1. Critério morfossintático

Composição e derivação

Uma unidade lexical estrangeira pode integrar-se a um idioma se ela constituir a base de uma derivação ou composição de acordo com as regras morfossintáticas da língua receptora (cf. 9, p. 15; 14, p. 64-6). L. Guilbert (15, p. 97) cita os exemplos franceses: *lockouter* < inglês *lock-out* + sufixo *-er*; *sprinter* < inglês *sprint* + suf. *-er*; *gadgétisation* < francês *gadgétiser* + suf. *-tion* < inglês *gadget*; *auberge-express* < francês *auberge* + inglês *express*; *avion-gadget* < francês *avion* + inglês *gadget*.

No *corpus* político analisado, alguns radicais estrangeiros, que denominam nomes próprios de pessoas, juntam-se a sufixos portugueses: "A euforia da vitória sobre a ditadura está cedendo lugar à triste constatação de que o povo haitiano pode viver agora um duvalierismo sem Duvalier" (< base francesa *Duvalier* + suf. *-ismo*) (E, 13.02, p. 9, c. 2); "Tiroteios esporádicos foram ouvidos à tarde no bairro de Pétion Ville, em Porto Príncipe, capital haitiana, onde localizam-se residências de conhecidos 'duvalieristas'" (< base francesa *Duvalier* + suf. *-ista*) (F, 28.02, p. 22, c. 5); "Também exigiu o reconhecimento 'formal' da Constituição pinochetista de 1980" (< base espanhola *Pinochet* + suf. *-ista*) (F, 30.03, p. 10, c. 2).

Alguns elementos de origem estrangeira juntam-se a prefixos portugueses, como as unidades lexicais neológicas *antiapartheid* e *não-duvalierista*: "Durante a manifestação, o pastor A. Baesak, líder antiapartheid /.../, disse que neste país, há poucas pessoas brancas que merecem tanta credibilidade, /.../" (< prefixo *anti-* + base africâner *apartheid*) (F, 03.01, p. 18, c. 2); "A renúncia de Gourgue, presidente de um organismo de defesa dos direitos humanos e único membro não-duvalierista do CNG, /.../" (< prefixo *não-* + base de origem francesa *duvalierista*) (F, 23.02, p. 14, c. 3).

A composição híbrida também está presente no *corpus* político que estudamos. A unidade lexical *new-caipira* é composta pelo adjetivo inglês *new* e pelo substantivo vernáculo *caipira*: "O PMDB de S. Paulo vai ter de reunir muita energia ideológica para justificar a candidatura *new-caipira* de O. Quércia" (F, 27.03, p. 2, c. 5). O termo *kremlinólogo* é composto pela base russa *Kremlin* e pelo elemento de composição vernáculo *logo-*: "A idéia de simplificar seu trabalho de 'kremlinólogo' surgiu quando escrevia o importante livro 'Le pouvoir en URSS' /.../" (F, 25.02, p. 17, c. 4).

Gênero e número

Quando a língua doadora possui flexão em gênero, o elemento estrangeiro tende a seguir o gênero original. É o caso, em nosso *corpus*, dos termos espanhóis *drogadicto* e *hacienda*, franceses *arrondissement* e *fait accompli*, italiano *omertà* e alemão *sachertorte*: "tantos drogadictos" (F, 16.06, p. 9, c. 4); "haciendas pseudo-socialistas" (F, 29.06, p. 18, c. 4); "no 11º arrondissement" (E, 25.05, p. 8, c. 3); "um verdadeiro fait accompli" (F, 27.03, p. 9, c. 2); "a omertà" (IE, 19.02, p. 53, c. 3); "a melhor sachertorte" (F, 09.06, p. 8, c. 2).

No caso de línguas que não possuem flexão em gênero, como o inglês, o elemento emprestado tende a receber o gênero masculino, o não-marcado (3, p. 165): "um duro *cross*" (E, 25.01, p. 8, c. 2); "o 'roll back'" (F, 22.02, p. 19, c. 1). Algumas vezes, o termo inglês recebe a flexão feminina por estar associado a um elemento português, do gênero feminino: "nas homelands" /pátrias/ (F, 03.03, p. 3, c. 5); "a new left" /esquerda/ (F, 17.05, p. 2, c. 3). A esse respeito, comenta M. Surridge (34, p. 61) que a associação sexual é certamente responsável pelo gênero feminino, em francês, dos termos ingleses *barmaid*, *lady*, *mistress*, *vamp* e *yachtswoman*. J. Dubois (10, p. 89) cita o exemplo de *Sauerkraut*, palavra neutra alemã adaptada

ao francês sob a forma de *choucroute*, que adota o gênero feminino por analogia com *croûte*, do feminino. Em português, os termos ingleses *girl*, *milady* e *miss* são também dicionarizados como pertencentes ao gênero feminino (cf. 12).

Em relação à categoria do número, diz-nos M. Barreto (2, p. 104) que os elementos estrangeiros devem formar o plural de acordo com as regras de nossa língua.

No *corpus* político que analisamos, os elementos estrangeiros conservam a flexão em número da língua de que procedem: “dos carabinieri” (E, 13.02, p. 13, c. 2); “no mercado futuro de commodities” (IE, 19.02, p. 53, c. 1-2). J. Dubois (9, p. 14) afirma que o neologismo por empréstimo tende a guardar a flexão em número da língua doadora por um período limitado. O A. exemplifica por meio do termo italiano *dilettante* que, no francês, guardou por certo tempo o plural *dilettanti* e em seguida adaptou-se ao plural francês *dilettantes*.

Classe gramatical

A grande maioria dos elementos neológicos recebidos por empréstimo no português constitui-se de substantivos. Nas outras línguas, ocorre o mesmo fenômeno (cf. 19, p. 211-2; 3, p. 165). L. Guilbert (16, 1581) relata uma pesquisa a respeito da classe gramatical de empréstimos relativos ao norueguês e ao sueco da América: cerca de 75% são substantivos; 10% constituem verbos; 3 a 4% são adjetivos e as demais classes gramaticais preenchem a porcentagem restante.

No *corpus* que analisamos, além de uma maioria de elementos substantivos, inventariamos alguns elementos estrangeiros adjetivos: “nacionalistas afrikaans” (E, 22.06, p. 18, c. 4); “poeta naïf” (E, 22.06, p. 9, c. 1); verbo: “o processo demarre” (E, 13.02, p. 2, c. 3); sintagmas nominais: “fait accompli” (F, 27.03, p. 2, c. 3); “fin de siècle” (E, 20.04, p. 13, c. 1); sintagma verbal: “fourre tout” (E, 16.06, p. 3, c. 3); sintagma preposicional: “à la chinoise” (E, 18.06, p. 3, c. 3). Algumas mudanças de classe gramatical ocorreram com os sintagmas *fin de siècle* e *fourre tout*, empregados adjetivamente: “anarquismo *fin de siècle*” (E, 20.04, p. 13, c. 1); “orçamento monetário fourre tout” (E, 06.06, p. 3, c. 3).

II.4.2. Critério fonológico

Ao ser empregado num outro sistema lingüístico, o termo estrangeiro tende a adaptar-se ao sistema fonológico desse idioma. Mattoso Câmara Jr. (25, p. 262-3) cita alguns casos de empréstimos adaptados fonologicamente ao português. O inglês *snooker* torna-se em português *sinuca*, com a sílaba inicial *si*. Em *toilette*, embora muitas vezes ainda grafado à francesa, emitimos o grupo vocálico escrito *oi*, não como ditongo crescente / *wa* /, à moda francesa, mas / *u* / e / *a* /, em hiato.

Na linguagem escrita, a adaptação fonológica do termo estrangeiro mostra-se por meio de uma adaptação ortográfica. No *corpus* político que analisamos, não temos exemplos desse tipo de integração. Ao contrário, registramos alguns casos de unidades lexicais de origem estrangeira adaptadas fonologicamente ao português e já dicionarizadas, que são grafadas de acordo com a ortografia da língua de que procedem: “Uma pesquisa recente realizada entre os afrikanners (população sul-africana de origem holandesa) /.../” (F, 16.03, p. 18, c. 2); “Fábrica oficial da elite, da *nomenklatura*, da nova classe, da aristocracia comunista cubana” (E, 20.03, p. 3, c. 5); “Na semana passada, por exemplo, a Polícia Federal empreendeu uma *razzia* na conflagrada região do Bico do Papagaio, /.../” (IE, 18.06, p. 22, c. 2). O *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Ferreira (12), registra as formas mencionadas respectivamente como: *africâner*, *nomenclatura* e *razia*.

W. Mackey (23, p. 312-3) considera que o fato de um termo estrangeiro integrar-se, morfológica ou fonologicamente, a um outro código lingüístico torna-o um elemento integrante desse código e tal processo deixa de ser, conseqüentemente, um fator de interferência lexical.

II.4.3. Critério semântico

Uma unidade lexical estrangeira integra-se a um outro idioma, de acordo com o critério semântico, se for introduzida nessa língua com um significado e chegar a adquirir outros. No *corpus* que estudamos, observamos tal procedimento com o termo de origem alemã *bunker*, muito usado em português com o sentido original de quartel, lugar abrigado à prova de balas: "Foram registrados também combates corpo a corpo em torno do 'bunker' utilizado por Hobeika como quartel-general" (F, 16.01, p. 28, c. 3). Além desse significado, *bunker* pode referir-se a outros tipos de locais: "E, com a maior naturalidade, postos públicos tornam-se 'bunkers' eleitorais" (F, 12.02, p. 2, c. 3).

II.4.4. Recursos visuais do estrangeirismo

A conotação autonímica do termo estrangeiro, a que se refere J. Rey-Debove (cf. II, 3), revela-se também com os estrangeirismos que, embora empregados sem a concorrência do termo vernáculo, aparecem com marcas gráficas como aspas, maiúsculas e grifos: "/.../ se deixar fotografar por chinelos quando pode sair pela manhã para comprar *croissants*" (Ve, 26.03, p. 55, c. 2); "/.../ acenará aos que lhe forem saudar com os tradicionais gritos de 'banzai' (longa vida e bandeirolas de papel)" (F, 29.04, p. 24, c. 3).

O mesmo termo estrangeiro pode ser empregado em diferentes contextos com distintas marcas gráficas: "/.../ segundo algumas estimativas, chegaria a 400 mil /judeus/ sendo 30 mil 'refuseniks'" (F, 15.02, p. 2, c. 1); "Ora, esse destemido *refusenik* carregava duas 'culpas' imperdoáveis, /.../" (E, 13.02, p. 3, c. 1-2); "No idioma crioulo /.../ 'tonton-macoute' significa literalmente bicho-papão /.../" (F, 02.02, p. 12, c. 3); "/.../ um convite levado de porta em porta pelos temíveis *tonton macoute*, a polícia paramilitar do ditador" (E, 06.02, p. 8, c. 1).

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição dos elementos lexicais estrangeiros empregados num *corpus* político revelou-nos que as mais variadas línguas (russo, alemão, inglês, italiano, árabe, espanhol, persa, crioulo haitiano, dialetos indianos e das Filipinas) contribuem para sugerir a cor local em um texto. Os termos técnicos empregados em nosso *corpus* político são quase todos de origem inglesa, o que atesta o poder econômico e tecnológico dos Estados Unidos. Como termos veiculadores de cultura, são os de origem inglesa e francesa os mais freqüentes.

Dessas unidades lexicais estrangeiras, algumas serão certamente integradas à língua portuguesa, como *bunker*, que já se tornou polissêmica, e *antiapartheid*, incorporada morfológicamente ao idioma português. Outros elementos dependem da evolução dos acontecimentos políticos. Termos como *afrikaans*, *sikhs*, *mujaheddin*, ... poderão ser integrados à língua portuguesa se a situação política favorecer seu emprego. É o que aconteceu com *aiatolá*, registrado na 2ª edição do *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Ferreira (12). Termos veiculadores de uma cultura prestigiosa, como *jeans*, *scotch*, *fait accompli*, ... e alguns termos técnicos poderão ser incorporados à língua portuguesa se continuarem a ter um emprego freqüente.

Se aceito pela comunidade, o elemento neológico por empréstimo torna-se um *empréstimo*. Já não é mais empregado com marcas gráficas e, não mais sendo desconhecido para os falantes da língua em que é utilizado, adquire o mesmo estatuto das outras unidades lexicais desse idioma (31, p. 120). Deve, então, ser inserido no dicionário.

O dicionário constitui o critério final, segundo o qual a comunidade lingüística considera o neologismo integrado ao léxico da língua. É a partir da inserção no dicionário que o neologismo por empréstimo, que infringe o sistema e a norma da língua, passa a infringir apenas seu sistema (30, p. 281).

Y. Lebrun (22, p. 831) relata as controvérsias surgidas em 1961, por ocasião da publicação do *Webster's third new international dictionary of the english language*. Os lexicógrafos do dicionário americano foram reprovados por não "terem sido censores da língua e por não terem prescrito seu bom uso". Felizmente, outras vozes foram ouvidas. Defenderam a iniciativa dos editores do *Webster's*, partindo do ponto de vista de que o lexicógrafo não deve ser o censor, mas o recenseur do vocabulário de uma comunidade lingüística.

Observa L. Guilbert (15, p. 54) que, por causa do poder concedido ao lexicógrafo, ele se cerca de garantias. Trabalha em equipe, a fim de evitar uma responsabilidade pessoal quanto à aceitação ou rejeição de um neologismo. Baseia-se em obras lexicográficas anteriores e daí resulta um certo parentesco entre os dicionários. A defasagem observada entre o emprego de um neologismo na imprensa ou pelos escritores, cuja notoriedade na comunidade constitui uma espécie de julgamento de aceitabilidade, e seu registro num dicionário, decorre da prudência do lexicógrafo. Essa prudência pode ser diferentemente manifestada. O *Novo dicionário da língua portuguesa*, de Ferreira (12), antepõe às expressões estrangeiras recentes o signo →. P. Wij-nands (37, p. 19) sugere que os dicionários, ao invés de negligenciar os termos neológicos, devem colocar esses elementos com indicadores específicos de seu caráter neológico. Tais vocábulos estariam, assim, numa espécie de purgatório, à espera de serem definitivamente integrados à língua.

ALVES, I. M. – Lexical borrowings in the political Brazilian press. *Alfa*, São Paulo, 32: 1-14, 1988.

ABSTRACT: *This paper is a study of foreign words employed in a political corpus of the contemporary Brazilian press. By means of the national and international political news published in some Brazilian newspapers and magazines, we tried to analyse the foreign words and the neologisms in process of integration into the Portuguese language.*

KEY-WORDS: *Borrowings; neologism; foreign words.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALVES, I. M. – Metalinguagem e empréstimo na mensagem publicitária. *Alfa*, S. Paulo, 28: 97-100, 1984.
2. BARRETO, M. – *Fatos da língua portuguesa*. Rio, Simões, 1954.
3. BIDERMAN, M. T. – *Teoria lingüística (Lingüística quantitativa e computacional)*. Rio, LTC, 1978.
4. BLOOMFIELD, L. – *Le langage*. Trad. francesa de J. Gazio. Paris, Payot, 1970.
5. BONNARD, H. – *Grand Larousse de la Langue Française*. Paris, Larousse, 1972. vol. II.
6. BOULANGER, J. C. – Néologie et terminologie. *Néologie en Marche*. Série b, langues de spécialités, Montréal, 4: 1-181, 1979.
7. CARVALHO, N. – Transfert de technologie ou intervention et domination culturelle et linguistique? *Termin 84*, Québec, 66-75, 1986.

Alfa, São Paulo, 32: 1-14, 1988.

8. DERROY, L. – *L'emprunt linguistique*. Paris, Les Belles-Lettres, 1956.
 9. DUBOIS, J. – L'emprunt en français. *L'information littéraire*, Paris: 10-6, 1963.
 10. DUBOIS, J. – *Grammaire structurale du français. Nom et pronom*. Paris, Larousse, 1967.
 11. DUBUC, R. – *Manuel pratique de terminologie*. Montréal, Linguatex, 1978.
 12. FERREIRA, A. B. DE H. – *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio, Nova Fronteira, 1986.
 13. FREI, H. – Monosyllabisme et polysyllabisme dans les emprunts linguistiques. *Bulletin de la Maison Franco-Japonaise*, 8: 79-122, 1936.
 14. GEORGE, K. E. M. – Anglicisms in contemporary French: II – linguistic aspects. *Modern Languages*, London: 57: 63-8, 1976.
 15. GUILBERT, L. – *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975.
 16. GUILBERT, L. – L'emprunt. *Grand Larousse de la Langue Française*. Paris, Larousse, 1972. vol. II, p. 1579-90.
 17. HAUGEN, E. – The analysis of linguistic borrowing. *Language*, N. York, 26: 210-31, 1950.
 18. HOCKETT, Ch. – *Curso de lingüística moderna*. Trad. do inglês de Gregorios de J. A. Suárez. Buenos Aires, Eudeba, 1971.
 19. JESPERSEN, O. – *Language. Its nature, development and origin*. 10. ed. London, G. Allen & Unwin, 1954.
 20. JOTA, Z. dos S. – *Dicionário de lingüística*. 2. ed. Rio, Presença, 1981.
 21. KIRKNESS, A. – Sobre a lexicologia e lexicografia das palavras estrangeiras. In: *Problemas da Lexicologia e Lexicografia*. Porto, Civilização, 1979. p. 225-41.
 22. LEBRUN, Y. – Problèmes de lexicographie. *Revue Belge de Philologie et d'Histoire*. Bruxelles, 43: 831-48, 1965.
 23. MACKEY, W. T. – *Bilinguisme et contact des langues*. Paris, Klincksieck, 1976.
 24. MATTOSO CÂMARA Jr., J. – *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio, Padrão, 1975.
 25. MATTOSO CÂMARA Jr., J. – *Princípios de lingüística geral*. Rio, Acadêmica, 1970.
 26. MAURAS, J. – Problématique de l'emprunt lexical. *Travaux de Terminologie et de Linguistique*, Québec, 1: 87-103, 1982.
 27. PEREIRA, E. C. – *Gramática histórica*. 2. ed. S. Paulo, Seções de Obras de "O Estado de S. Paulo", 1919.
 28. REY-DEBOVE, J. – Comportement des langues romances face à l'emprunt anglo-saxon en terminologie. *Actes du 6^e Colloque International de Terminologie*. Québec: 119-39, 02/07-10-77.
 29. REY-DEBOVE, J. – L'emprunt lexical prohibé. *Actes du Colloque International de Sociolinguistique*. Québec, 79: 97, 1978.
 30. REY-DEBOVE, J. – *Le métalangage*. Paris, Le Robert, 1978.
 31. REY-DEBOVE, J. – La sémiotique de l'emprunt lexical. *Travaux de Linguistique et de Littérature*. Strasbourg, 11(1): 109-23, 1973.
 32. ROSETTI, A. – Langue mixte et mélange de langues. *Acta Linguistica*, 5: 73-9, 1945-9.
 33. SAUVAGEOT, A. – *Portrait du vocabulaire français*. Paris, Larousse, 1964.
 34. SURRIDGE, M. – Le genre gramatical des emprunts anglais en français: la perspective diachronique. *The Canadian Journal of Linguistics*, 29(1): 58-72, 1984.
 35. VENDRYÈS, J. – *Le langage*. Paris, A. Michel, 1968.
 36. WEINREICH, U. – *Languages in contact*, 8. ed. Hague-Paris, Mouton, 1974.
 37. WJUNANDS, P. – Pour une rédéfinition du néologisme lexicographique. *La Banque des Mots*. Paris, 29: 13-34, 1985.
- Alfa, São Paulo, 32: 1-14, 1988.